

RESENHAS

“VAMOS DESPEDAÇAR SUA ALMA!”: UM PASSEIO PELOS HORRORES CENOBÍTICOS DA FRANQUIA *HELLRAISER*

“WE’LL TEAR YOUR SOUL APART!”: A WALK THROUGH
THE CENOBITIC HORRORS OF *HELLRAISER* FRANCHISE

Marcelo Miranda¹

¹ Jornalista, mestre em Comunicação Social pela UFMG, crítico e programador de cinema. Produz e apresenta os podcasts “Saco de Ossos” e “Hora do Espanto”. Ministrou o curso “Cinema de horror: O medo através dos tempos” e foi coordenador e curador da mostra “Medo e Delírio no Cinema Brasileiro”, realizada em Belo Horizonte. Ministrou palestras e debates sobre o tema e tem artigos publicados nos livros *Tim Burton, Tim Burton, Tim Burton* (Estronho), *O Melhor do Terror dos Anos 80* e *O Melhor do Terror dos Anos 90* (Skript), entre outros. Assistente editorial nos livros *Contos Reunidos do Mestre do Horror Cósmico*, de H.P. Lovecraft, e *Repique macabro e outras histórias estranhas*, de Robert Aickman (Ex Machina). Co-organizador do livro *Revista de Cinema: Antologia (1954-58/1961-64)* (Azougue). Presidente da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema) entre 2021 e 2023.

RESUMO (RESENHA): BARKER, Clive. *Hellraiser – Renascido do inferno*. Tradução: Alexandre Callari. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2015. 160 p.

Hellraiser – Renascido do inferno. Direção: Clive Barker. Produção de Film Features. Reino Unido: Entertainment Film Distribution, 1987.

Hellraiser. Direção: David Bruckner. Produção de Spyglass Media Group. EUA: Hulu, 2022.

PALAVRAS-CHAVE: horror; literatura de ficção; cinema; Hellraiser; Clive Barker.

ABSTRACT (REVIEW): BARKER, Clive. *Hellraiser – Renascido do inferno*. Portuguese translation by: Alexandre Callari. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2015. 160 p.

Hellraiser. Directed by: Clive Barker. Produced by Film Features. United Kingdom: Entertainment Film Distribution, 1987.

Hellraiser. Directed by: David Bruckner. Produced by Spyglass Media Group. USA: Hulu, 2022.

KEYWORDS: horror; fiction writing; movies; Hellraiser; Clive Barker.

“Frank estava tão compenetrado em resolver o quebra-cabeça da caixa de Lemarchand que não escutou o grande sino começar a tocar.” Essas são as primeiras palavras da novela *The hellbound heart*, escrita pelo inglês Clive Barker e originalmente publicada em 1986 como parte da antologia *Night visions vol. 3*. O texto ficcional veio na esteira do impacto causado pela série *Livros de sangue* que Barker lançou em seu país natal entre 1984 e 1985, totalizando seis volumes e 30 histórias. Em *The hellbound heart*, o autor segue impregnado dos temas e motivos de seus contos anteriores, o que inclui sexualidade intensa, horror carnal, criaturas ou entidades surgidas de fetiches, desejos e perversões humanas e um jorro criativo como nunca se vira antes no gênero. Era tudo muito diferente de um nome à época já referencial, Stephen King, e certamente se afastava dos escritores de pegada mais clássica – ainda que fundamentais ao cânone – Peter Straub e Ramsay Campbell.

Barker se tornou, em retrospecto, um dos inventores do que seria chamado pelo escritor e pesquisador David J. Schow de uma vertente *splatterpunk* da literatura de horror, caracterizada pela representação excessivamente gráfica da violência (em contraponto ao estilo elusivo e metafórico de autores do passado) e de elementos vinculados ao movimento da contracultura que desafiavam padrões morais de comportamento e de escrita. Não é coincidência que Schow tenha cunhado o termo *splatterpunk* na World Fantasy Convention, realizada em Providence (terra natal de H. P. Lovecraft), justamente no ano de 1986, quando *Livros de sangue* já circulava e *The hellbound heart* começava a aparecer. O imaginário acionado por esses contos mexeu com as estruturas mentais de leitores e autores, inspirando outros nomes que posteriormente passaram a tráfegar por narrativas mais devastadoras na descrição de ações sangrentas e situações-limite.

Da mesma forma que a novela de Barker coroa o impacto de *Livros de Sangue*, a adaptação da história para o cinema também se torna um marco. O próprio autor decidiu fazer o roteiro e assumir a direção do que se intitulou *Hellraiser*. O filme é lançado em circuito comercial no Reino Unido e nos EUA em setembro de 1987 [ao Brasil, só estreia em julho de 1990, acompanhado do subtítulo *Renascido do inferno*]. É curioso olhar o cenário no qual o filme – adaptação bastante fiel da novela de Barker – estava inserido quando chegou às telas. Só no gênero horror, era o mesmo ano de

Uma noite alucinante 2 (*Evil dead II*, Sam Raimi), *A hora do pesadelo 3 – Os guerreiros dos sonhos* (*Nightmare on Elm Street 3: Dream warriors*, Renny Harlin), *Creepshow: Show de horrores* (*Creepshow*, George A. Romero) e *A casa do espanto 2* (*House 2: The Second Story*, Ethan Wiley), para ficar apenas em produções de franquia ou de pegada mais cômica ou satírica. Se pensarmos em títulos com ambições mais maduras, as opções eram em menor quantidade, porém até hoje muito marcantes: *O predador* (*Predator*, John McTiernan), *Coração satânico* (*Angel heart*, Alan Parker) e *Príncipe das sombras* (*Prince of darkness*, John Carpenter), de novo para citar apenas alguns.

Hellraiser, então, surge um tanto tímido nesse contexto, principalmente por ter à frente um diretor estreante e jovem (35 anos) que vinha do teatro e da literatura, um material de base pouco conhecido e um orçamento irrisório para o tipo de projeto que se queria (pouco menos de US\$ 1 milhão). O sucesso do filme não tarda a vir. A arrecadação chega a quase US\$ 15 milhões só no período em cartaz. Além da fatia econômica, o filme se torna um dos maiores *cults* do gênero e se torna parte do imaginário cultural na virada do século. Rapidamente emplaca não só a inevitável continuação, logo no ano seguinte, mas puxa uma franquia que, em 2022, soma 11 longas-metragens, centenas de páginas de quadrinhos, um romance, vários videogames e todo tipo de memorabilia. Muito desse fenômeno se deve à figura do Pinhead, a criatura cenobita interpretada pelo ator Doug Bradley em quase todos os filmes e que virou a marca mais imediatamente reconhecível de *Hellraiser*, com sua cabeça repleta de agulhas espetadas no crânio, as roupas pretas de couro, as correntes e a voz gutural.

O filme se alinha à produção mais adulta e controversa de 1987, ao tratar da história relativamente simples de uma mulher que se esforça para trazer de volta o homem que mais prazer sexual lhe proporcionou: o irmão do marido. Apesar da imagem marcante de *Hellraiser* ser de fato Pinhead (a ponto de, mesmo aparecendo poucos minutos em cena, ele estampar o pôster de lançamento) e algumas das cenas de violência gráfica terem se tornado clássicas, o filme se desenvolve sob o ponto de vista de Julia Cotton (Clare Higgins). Entediada com a vida e com o marido, ela guarda na memória os poucos instantes de deleite, vividos em segredo no dia de seu casamento, com o cunhado Frank (Sean Chapman). Hedonista e em busca de prazeres inatingíveis,

Frank está desaparecido. Certo dia, na nova casa onde foi morar com o esposo, Larry (Andrew Robinson), e a enteada, Kirsty (Ashley Lawrence), Julia se depara com estranhos fenômenos que a levam a crer na volta de Frank, agora um corpo morto levado às profundezas do mundo de prazer e dor dos cenobitas. Influenciada pelo literal pedaço de putrefação que se apresenta como Frank, ela sai em busca de homens que sirvam de alimento ao ex-amante e lhe propicie voltar a ter um corpo formado por carne, sangue, órgãos e tecidos, antes que os cenobitas descubram onde ele está escondido.



FIG. 1 - Frame do filme *Hellraiser – Renascido do inferno*. Direção: Clive Barker.

Produção de Film Features. Reino Unido: Entertainment Film Distribution, 1987.

Tal qual a novela em que se baseia, o enredo do filme é a mistura inusitada de Nelson Rodrigues e Edgar Allan Poe, com toques de originalidade e criatividade pulsantes. Na direção, Clive Barker se apropria de seus próprios escritos para apresentar sequências de absoluto deleite visual, sem os pudores e recalques tão caros ao cinema estadunidense comercial, sempre o mais consumido em países do Ocidente. Fora das amarras de grandes estúdios e livre pelo orçamento baixo e desconhecimento em torno de uma marca que ainda estava por surgir (mesmo o termo “barkeriano” ainda não tinha pegado), *Hellraiser* teve caminho livre para chamar atenção sem prestar contas a outras realizações da mesma época. Era “uma história de amor do além-túmulo” que fazia um jovem artista como Barker “alcançar um sofisticado grau de ameaça”.

O drama encenado em *Hellraiser* é até mais contundente do que aquele escrito em *The hellbound heart*. Ao adaptar o texto, Barker faz uma alteração significativa: Kirsty deixa de ser a secretária-ajudante de Larry, como aparecia nas páginas da novela, e passa a ser filha dele, fruto de um primeiro casamento, consequentemente fazendo dela a enteada de Julia e sobrinha do grande antagonista da história, Frank. Isso torna as relações entre os personagens mais aterradoras, incluindo, por exemplo, o incesto como possibilidade de perturbação. A cena em que o corpo ainda putrefato de Frank tenta estuprar a jovem ganha efeitos mais terríveis e complexos em se tratando de um embate entre dois familiares – e Barker, plenamente consciente disso, leva a situação ao limite do suportável para espectadores à época pouco habituados a essa abordagem de maneira tão violentamente gráfica.

Os leitores de Clive Barker até poderiam reconhecer o tipo de provocação proposto pelo autor de Liverpool, mas no cinema estadunidense era pouco usual. Algo tocou fundo os espectadores, que um ano depois voltaram aos cinemas para ver a sequência, *Hellraiser II – Renascido das trevas* (*Hellbound: Hellraiser II*, Tony Randel). O filme narra uma história escrita por Barker exclusivamente para as telas e tem orçamento de US\$ 3 milhões (mais que o triplo do anterior). O enredo segue as desventuras de Kirsty e Julia após o desfecho de *Hellraiser*. Para a mitologia que a franquia passa a trabalhar dali adiante, o novo longa-metragem é importante por mostrar vislumbres do passado de Pinhead (antes um oficial do exército inglês chamado Elliot Spencer), expor detalhadamente o mundo dos cenobitas e ainda revelar o visual e poder de Leviathan, grande artífice dos confins do inferno.

Todo o universo em torno da Caixa de Lemarchand, dos cenobitas, de Leviathan, de Pinhead e mais um tanto de palavreados se manteve constante no cenário cultural desde então, nunca se passando grandes intervalos sem algum subproduto derivado do universo de *Hellraiser* circulando em livrarias, *comic shops*, salas de cinema, prateleiras de videolocadoras ou lojas de memorabilia. Os admiradores dos primeiros filmes, porém, que continuaram a ver os longas-metragens lançados rotineiramente, viram-se submetidos a sequências cada vez mais questionáveis, várias delas produzidas apenas sob a justificativa de manter os direitos comerciais de produção, mesmo que os enredos pouco tivessem, de fato, relação ou interesse com o mundo

inicialmente criado por Clive Barker. Depois de *Hellraiser II*, houve mais oito longas-metragens, lançados entre 1992 e 2018. Parte deles amplia a mitologia do Pinhead, outros apenas se apropriam de sua presença em tramas nada interessantes e os mais recentes até arriscam uma tentativa de reiniciar a franquia. Nada, porém, repercute para além dos aficionados que consomem qualquer coisa com a marca *Hellraiser*.

Até que, em 2022 e após Clive Barker vencer um imbróglio judicial que mantinha os direitos de adaptação de sua própria história distantes de suas decisões, chega às telas da plataforma de *streaming* Hulu o que, para muitos simpatizantes, poderia ser a tábua de salvação de Pinhead & cia. Trata-se de *Hellraiser* (David Bruckner, 2022), filme que se reapropria do título de palavra única vindo do original de 1987. Esse procedimento tem sido praxe em retomadas recentes de franquias queridas por fãs, como foram os casos dos novos *Halloween* (2018), *A lenda de Candyman* (*Candyman*, 2021), *Pânico* (*Scream*, 2022), *O massacre da serra elétrica – O retorno de Leatherface* (*Texas Chainsaw Massacre*, 2022), todos originalmente batizados com os títulos de suas matrizes. A estratégia dos estúdios é acionar a nostalgia dos espectadores veteranos que identificam rapidamente as “marcas” sem o muitas vezes desconfortável acompanhamento de um número sequencial ou subtítulo que indique a enésima derivação daquela franquia, ao mesmo tempo em que busca atrair novos (e jovens) públicos que possam se interessar por esses filmes sem a preocupação de entrarem numa história já em andamento. Tem sido comum, nesse sentido, a mistura de elementos dos filmes originais (às vezes servindo como “sequências-legado”) com novas possibilidades de encaminhamento que construam rumos distintos a narrativas já um tanto conhecidas e desgastadas.

O caso do novo *Hellraiser* é uma mistura disso tudo. Ele não é uma refilmagem do original de 1987, nem é adaptação direta da novela de Clive Barker, nem muito menos é sequência dos filmes anteriores. O longa-metragem de Bruckner não nega nem admite relação com suas matrizes, o que lhe dá liberdade para utilizar a mitologia construída ao longo de 35 anos da forma que lhe for mais conveniente. Desde elementos já eternizados, como a Caixa de Lemarchand, passando pela ideia de um artefato cujo propósito é garantir a realização de desejos (ainda que de maneira quase sempre torta) e chegando à presença dos cenobitas como arautos de uma dimensão

de dores, carne e sangue, diversos elementos do *Hellraiser'22* encontram substrato nos conceitos até aqui amplamente trabalhados. Porém, eles são tratados de maneiras mais superficiais, de forma a não afastar o espectador menos habituado a tantos códigos, enquanto mantém por perto o fã que conhece cada dobra do mundo dominado por Leviathan.

Exemplo substancial dessa relação ambígua proposta no *Hellraiser'22* é Pinhead, justamente a grande e eternizada imagem que identifica imediatamente toda a franquia até para quem nunca assistiu a nada da série. Em oito filmes (1987-2005), o cenobita foi interpretado por Doug Bradley. Em *Hellraiser: Revelations* (2011), quem assume o papel é Stephan Smith Collins, com voz de Fred Tatasciore; e em *Hellraiser: Judgment* (2018), é Paul T. Taylor quem tem a cabeça espetada com agulhas. Ao pegar a franquia para si, o estúdio Spyglass naturalmente mantém Pinhead como personagem-ícone. Quem é anunciada para viver o personagem é a atriz trans Jamie Clayton, conhecida pela série *Sense 8*, que fez entre 2015 e 2018. A escolha causa furor, preponderantemente positivo, entre os entusiastas do projeto. A definição por Clayton marca, então, uma quebra importante de paradigmas no *casting* de *Hellraiser*, mas isso não se reflete para muito além disso. A Pinhead de Clayton usa estritamente o mesmo visual de todos os antecessores, com diferenças mínimas, o que garante à plateia veterana permanecer no conforto de estar vendo algo com o que já está devidamente habituada, enquanto as novas plateias veem rigorosamente a imagem amplamente divulgada por três décadas como a de um ícone do horror. Nesse arranjo, todo mundo parece sair contente.

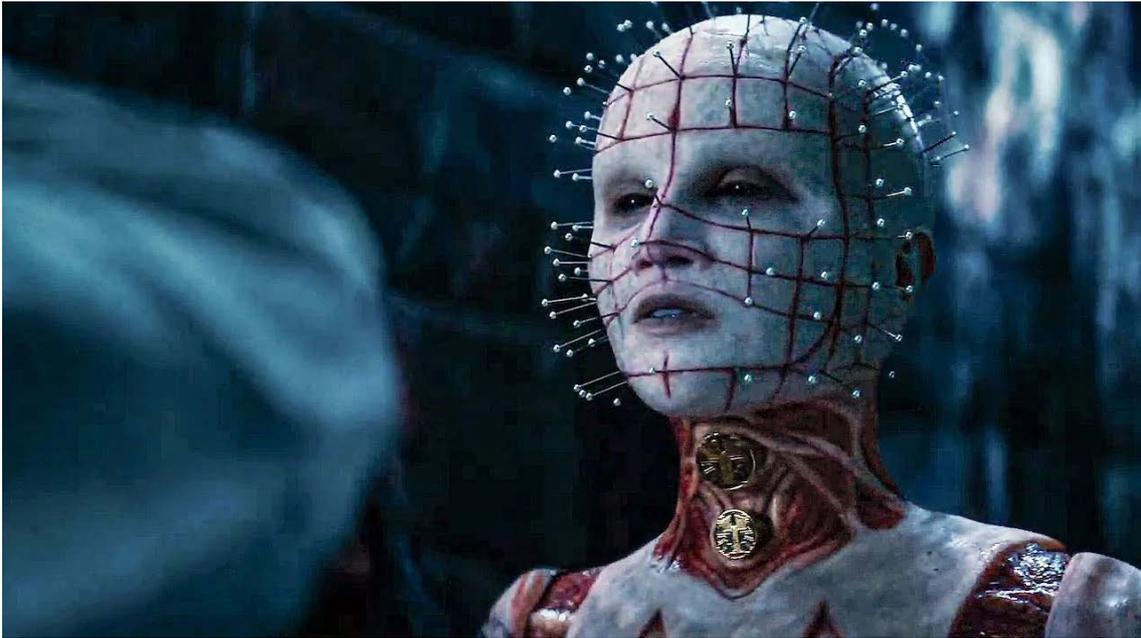


FIG 2 - Frame do filme *Hellraiser*. Direção: David Bruckner.

Produção de Spyglass Media Group. EUA: Hulu, 2022.

O novo *Hellraiser* contou com aval e aprovação de Clive Barker, sem sua participação direta. Num comunicado público, ele disse: “Este é um *Hellraiser* em uma escala que eu simplesmente não esperava. David (Bruckner) e sua equipe estão mergulhados na mitologia da história, mas o que me excita é o desejo deles de honrar o original, mesmo quando o revolucionam para uma nova geração”. O roteiro é assinado por Ben Collins e Luke Piotrowski e se fixa na trajetória da jovem ex-viciada Riley McKendry (Odessa A’zion), que tenta recomeçar a vida junto com o irmão e acaba enredada numa trama envolvendo a Caixa de Lemarchand e um antigo e mal-resolvido pacto de um milionário.

Certamente a grande diferença na atual abordagem de *Hellraiser* é a ausência do desejo sexual e do tesão como movimentadores dos acordos com os cenobitas, algo que não exatamente foi o centro de todas as tramas da franquia, mas sem dúvidas era seu grande trunfo na novela e na adaptação de 1987. Ao retomar praticamente do zero a “marca” *Hellraiser*, Bruckner e equipe decidem por remodelar os anseios dos personagens, trazendo temas como redenção, lealdade, ambição e poder ao primeiro plano. É um *Hellraiser* mais comprometido com questões que têm aflorado

mais fortemente em filmes de horror dos últimos anos e com as quais o estúdio e investidores são compelidos a dialogar se querem fazer o projeto ser bem-sucedido. Recortes ligados a fetiche, sadomasoquismo ou canibalismo com intuito de recuperar a virilidade parecem distantes demais a uma plataforma de *streaming* como a Hulu, que naturalmente busca caminhos mais identificados com seu público assinante.

O que é de mais próximo à novela e ao filme de Barker no novo *Hellraiser* é a ideia de um mundo paralelo, regido por leis próprias, em constante colisão com o nosso mundo – um cenário tantas e tantas vezes abordado nos contos e romances do autor inglês, aliás. A pomposidade dos cenobitas como emissários desse outro mundo – e nisso Bruckner é muito consciente de estar lidando com imaginário tão adorado, a ponto de a entrada de Pinhead em cena ter um impacto calculado – permite que a perturbação inerente à história original se mantenha. Por mais que Riley faça o possível para rastrear os caminhos da Caixa e os responsáveis pelo sumiço do irmão, ela nunca está totalmente no controle da situação. Suas desventuras estão à mercê de criaturas sobre as quais ela nada sabe e, mesmo que arrisque enfrentá-las, ela jamais consegue alcançar até onde é possível ir. Isso estava no texto de Barker e no filme de 1987 e retorna agora em 2022: na iminência do desgraçamento infernal, só é possível despistar os cenobitas, nunca pará-los.

Imparável também é *Hellraiser*, algo que todos sabemos desde o final dos anos 1980. Em 2020, o canal HBO anunciou a produção de uma série definida como “continuação sofisticada da mitologia existente de *Hellraiser*”. A grande novidade, já na época, era o envolvimento de Clive Barker na produção executiva. Ainda sem data para ir ao ar, a série tem roteiros assinados por Mark Verheiden e Michael Dougherty e direção de David Gordon Green. O cineasta estadunidense Green está atualmente vinculado à retomada de duas outras franquias importantes: *Halloween* (ele dirigiu os três filmes lançados entre 2018 e 2022) e *O Exorcista*, cujo novo exemplar deve ser lançado em outubro de 2023, justamente na forma de sequência-legado. A princípio, parece essa a ideia de *Hellraiser* como série na HBO: expandir conceitos e acontecimentos da trama original de Barker (ele próprio disse, em relação ao projeto, que “é hora de retomar as raízes dessa história”). Se haverá Pinhead e se ele terá agulhas na cabeça, ainda não se sabe. Mas alguém duvida?

REFERÊNCIAS

BARKER, Clive. *Hellraiser – Renascido do inferno*. Traduzido por CALLARI, Alexandre. Rio de Janeiro: Darkside, 2015.

FLEMING JR, Mike. *Just in time for Halloween: Clive Barker's back to raise hell, joining HBO series **Hellraiser** adaptation with David Gordon Green directing early eps*. Deadline.com [S.I.] Disponível em: <https://deadline.com/2020/10/clive-barker-hellraiser-hbo-series-adaptation-1234606166/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

IMDB PRO. Box Office Mojo. Página dedicada a *Hellraiser*. Disponível em: https://www.boxofficemojo.com/title/tt0093177/?ref=bo_ser_2. Acesso: 9 nov. 2022.

JONES, Stephen. *Monsterland*, n.17, 1987. Disponível em <https://www.clivebarker.info/hellraiser.html>.

Acesso: 5 nov. 2022.

KANE, Paul. *The Hellraiser films and their legacy*. EUA: McFarland and Company, 2013.

MANTILLA, Ryan Louis. *'Hellraiser' reboot gets R rating on Hulu*. Collider.com. [S.I.] Disponível em: <https://collider.com/10-disney-princesses-sorted-into-their-hogwarts-house/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

POST MORTEM 77. Entrevistado: David J. Schow. Entrevistador: Mick Garris. Dread Central, 26 fev. 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.dreadcentral.com/post-mortem-with-mick-garris/>. Acesso: 9 nov. 2022.